

A pesquisa sobre juventude e os temas emergentes

Ana Paula de Oliveira Corti*
Marília Pontes Sposito**

Tratando-se de um campo em constituição, sobretudo se considerarmos os estudos de orientação sociológica, importa registrar no primeiro estado do conhecimento sobre Juventude os temas ainda pouco investigados. Esse conjunto, composto de 39 trabalhos, abriga quatro categorias temáticas emergentes que ainda não gozam de tradição de pesquisa entre os vários assuntos investigados, tendo assumido importância cada vez maior durante a década de 90.¹ São elas:

- Mídia e Juventude (13 trabalhos)
- Jovens e Violência (11 trabalhos)
- Grupos Juvenis (8 trabalhos)
- Jovens e Adolescentes Negros (4 trabalhos)

A Tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição dessa produção durante o período abrangido pela pesquisa.

Tabela 1 – Distribuição da Produção Discente em Juventude e nos Temas Emergentes, por subperíodo

SUBPERÍODOS	JUVENTUDE	TEMAS EMERGENTES	
		Nº	%
1980-1984	56	2	3,5
1985-1989	73	7	9,6
1990-1994	76	6	7,9
1995-1998	182	24	13,1
TOTAL	387	39	10,0

Observando a tabela, podemos notar que há uma distribuição desigual das teses e dissertações sobre temas emergentes ao longo do tempo, com uma concentração significativa (mais da metade dos trabalhos) no subperíodo 1995-1998. Nesse quadriênio, embora a produção total tenha aumentado em termos absolutos, é possível verificar, também em termos relativos, uma presença mais concentrada da produção discente nesses novos campos de interesse.

* Aluna do Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

** Professora livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

¹ Não foi possível recuperar oito exemplares deste conjunto de teses e dissertações. Esse conjunto inclui, sob o título Outros, duas dissertações que analisam práticas esportivas e uma cujo tema é o jovem e a educação ambiental.

Na Tabela 2, podemos observar a distribuição de cada tema por subperíodo, evidenciando a maior concentração das pesquisas nos últimos quatro anos (1995 a 1998).

Tabela 2 – Distribuição dos Temas Emergentes, por subperíodo

TEMAS	SUBPERÍODOS				TOTAL
	1980-1984	1985-1989	1990-1994	1995-1998	
Mídia e Juventude	1	3	2	7	13
Jovens e Violência	1	1	3	6	11
Grupos Juvenis	0	1	1	6	8
Jovens e Adolescentes Negros	0	0	0	4	4
Outros	0	2	0	1	3
TOTAL	2	7	6	24	39

Na esteira dos estudos sobre Juventude, e retratando as características da área educacional, observa-se um grau razoável de dispersão da produção pelos programas de pós-graduação, sendo a Universidade de São Paulo (USP) a responsável pelo número mais elevado, cinco trabalhos, seguida pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com quatro. Foram identificados dois orientadores responsáveis por duas pesquisas cada um,² e o restante, como é freqüente em outros temas, aparece orientando somente uma pesquisa. A dispersão nas instituições, somada à dispersão de orientadores, aponta também, ainda, a inexistência de grupos de pesquisa mais consolidados em torno de alguns dos eixos objeto de investigação, como grupos juvenis, violência e meios de comunicação.

No interior de cada um desses recortes, percebemos o aparecimento de novas problemáticas relacionadas ao surgimento de questões sociais que produziram impacto sobre a escola. A escalada da violência urbana, a expansão dos meios de comunicação de massa e a maior visibilidade dos grupos juvenis nas cidades foram fenômenos que propuseram novas questões para a instituição escolar.

Assim, no interior do tema *Jovens e Violência* emerge a preocupação com a violência escolar; no tema *Mídia e Juventude*, notamos um interesse especial sobre a influência da mídia escrita e televisiva sobre os adolescentes, partindo do pressuposto de que os meios de comunicação são meios de (des)socialização/(des)educação concorrentes com a escola; o tema *Grupos Juvenis* aborda especialmente a dimensão cultural dos grupos, quase sempre salientando a importância de seu caráter mobilizador e educativo.

No entanto, surpreende o fato de que, apesar de estar relacionado à condição de população negra, ao preconceito e ao racismo, o tema *Jovens e Adolescentes Negros* se constitui questão nova para a escola brasileira, sob o ponto de vista dos estudos sobre Juventude: sua inserção como objeto de pesquisa só ocorre após os anos 90.

Na verdade, esse conjunto revela, em grande parte, o reconhecimento de problemas centrais na ação socializadora da instituição escolar. Ocorre, assim, uma compreensão nova de velhas questões – como é o caso dos estudos voltados para os jovens ou adolescentes negros – ou o reconhecimento de novos modos de socialização que constituem a experiência juvenil na sociedade contemporânea, como afirma Dubet. Esse caminho poderá ser eventualmente promissor se, de fato, procurar construir referências analíticas densas ao lado de uma evidente necessidade de estudos empíricos rigorosos.

Uma característica especialmente interessante dos temas “emergentes” é sua forma diferenciada e pouco tradicional de indagar a instituição escolar. Assim, mesmo elegendo a escola como *locus* do estudo, muitos trabalhos reconhecem e investigam a existência de contextos alternativos de

² São eles: Tânia Dauster, que orientou um mestrado e um doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) no tema *Jovem e Violência*, mais especificamente em violência escolar; Sérgio Coelho Borges Farias, que orientou dois mestrados na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no tema *Grupos Juvenis*, especialmente sobre grupos musicais.

socialização e educação, como os grupos juvenis e os meios de comunicação de massa, e manifestações culturais cuja influência sobre a educação escolar tem se mostrado cada vez maior. Por esse motivo, os temas “emergentes” acenam novos caminhos para a pesquisa sobre Juventude que permitem contemplar dimensões da escola pouco visíveis aos enfoques teórico-metodológicos tradicionais da área.

A maioria dos trabalhos redimensiona o foco das investigações, produzindo uma maior amplitude no tratamento do sujeito. Não se trata apenas do aluno, mas de desvelar o jovem, contribuindo, assim, para que o conhecimento avance no sentido de produzir informações sobre as várias faces que envolvem sua condição além da experiência discente, embora esta última constitua um núcleo central desse momento do percurso de vida.

Nesse sentido, os estudos tendem a adotar uma perspectiva mais próxima do jovem do que da instituição, focalizando os novos padrões culturais juvenis responsáveis por importantes determinações dos limites da ação socializadora, como é o caso da violência escolar e da influência crescente dos meios de comunicação e de outras formas de manifestação cultural.

ANÁLISE DOS TEMAS

Será feita aqui de uma breve apresentação dos temas, pois, ainda que não exaustiva do ponto de vista do tratamento teórico-metodológico, é possível realizar um balanço que certamente apontará para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Mídia e Juventude

As teses e dissertações reunidas nesse grupo versam sobre o papel da mídia na formação de valores e padrões culturais pelo público adolescente. A televisão é o veículo que desperta maior interesse dos pesquisadores, aparecendo em sete trabalhos, seguida das revistas, com três.³

Observa-se, em todas, um interesse geral de se investigar a influência dos meios de comunicação sobre o comportamento adolescente. Algumas mantêm a escola como interlocutor constante, buscando sempre enunciar, de forma propositiva, algumas premissas que melhor redefinem a ação escolar diante de outros agenciamentos educativos.

Observa-se nesse conjunto um bloco de estudos que traduz orientações próximas. Três deles enfatizam o papel da mídia na inculcação de valores culturais, estéticos e políticos condizentes com o desenvolvimento capitalista e com sua tendência de transformar tudo em mercadoria. A dissertação de Mello (1985) investiga a veiculação televisiva de valores que despertam maior inquietação e curiosidade dos adolescentes e pré-adolescentes. A autora parte de uma análise da literatura que, segundo ela, indicaria a família, o sexo, a mobilidade social e a liberdade como valores mais comumente questionados pelos pré-adolescentes. A partir desse reconhecimento inicial, foi realizado estudo exploratório em três escolas do município do Rio de Janeiro, através da aplicação de questionários a 718 alunos de 5ª e 6ª séries, compreendendo uma faixa etária concentrada dos 12 aos 14 anos, com o objetivo principal de identificar seus programas de TV preferidos. Posteriormente, os três programas mais assistidos por esse público foram examinados a partir da veiculação que fazem dos valores acima citados, mediante a análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Os resultados obtidos revelaram uma maior veiculação do valor liberdade, seguido de sexo, família e, por último, mobilidade social. Na verdade, a pesquisa junto aos alunos limitou-se a identificar apenas os programas mais assistidos, não avançando na compreensão do sujeito na sua interação com a mídia televisiva. As observações de Mello vão no sentido de identificar, no interior do conteúdo dos programas, questões que possam

³ O trabalho de Perrota (1988) analisa a preferência juvenil pela estória de terror. A autora observa que as narrativas, fílmicas ou literárias, do gênero permitem extravasar os medos, comuns na fase da adolescência. Embora o trabalho não focalize os meios de comunicação, investiga um gênero artístico como item da indústria cultural e, por isto, considerou-se adequado inseri-lo nesse grupo de trabalhos, embora se destaque do restante da produção.

interessar aos pré-adolescentes e formas de abordar os valores que possam influenciá-los, algumas positiva e outras negativamente. Para a autora, a escola estaria na condição de responsável pela promoção de uma leitura crítica das mensagens por parte dos alunos e, dessa forma, ela poderia canalizar positivamente a influência televisiva.

A dissertação de Santana (1996) investiga a influência da escola e da TV sobre a educação de filhos de pescadores, observando que a debilidade econômica e pedagógica da escola pública contribui para o fortalecimento da TV, que veicula valores tipicamente urbanos e consumistas, conflitantes com as necessidades e com o cotidiano dos jovens investigados.

Aguiar (1998), em sua dissertação, analisa 107 exemplares da revista *Capricho* relativos ao período de 1987 a 1997, com o objetivo de perceber se o imaginário criado pelas revistas contribui para a constituição do adolescente como sujeito. A autora conclui que as mensagens pressupõem uma visão idealizada da adolescência como um período sem conflitos, onde a busca pelo prazer e felicidade imediatos é legítima, sendo o consumo uma de suas bases principais. Somente quando a leitora é capaz de vivenciar uma tensão diante dos padrões culturais veiculados é que tem a chance de se tornar sujeito do processo de comunicação. Salienta, ainda, que a escola teria o importante papel de desmistificar certos valores modernos veiculados pelos meios de comunicação de massa, a fim de permitir uma entrada mais crítica e não-integrada dos jovens no mundo do adulto.

Como se vê, esses estudos questionam os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, sobretudo em razão da dominação e massificação cultural que promovem. Vale a pena destacar, no entanto, que o de Aguiar abre uma possibilidade de reversão da posição de receptor passivo à posição de sujeito do processo de comunicação.

Há oito trabalhos que salientam a ambigüidade dos veículos de comunicação de massa, que, se por um lado contribuem para a difusão de padrões de consumo e para a incorporação não-crítica das informações e mensagens, por outro, cumprem o importante papel de aguçar as emoções e as fantasias, parte essencial das necessidades humanas e que assume importância crucial na fase da adolescência.

Em sua dissertação, Largura (1986) realizou estudo em duas escolas particulares de Curitiba (PR), aplicando formulários a 173 alunos de 2º grau, com o objetivo de verificar diferentes reações que os jovens podem manifestar assistindo à programação televisiva, a forma como as mensagens são recebidas e a existência ou não de influência do nível socioeconômico na percepção das mensagens. Não foram observadas diferenças nas preferências dos alunos de acordo com seu nível socioeconômico. As meninas preferem as novelas, e os meninos, os filmes. A autora aponta a TV como responsável por transformações nas vivências familiares e, também, escolares, já que o ritmo da sala de aula é contrastante e menos atrativo que o da televisão. Quanto ao papel da escola, a autora afirma que ela deve promover atividades de mediação crítica entre os alunos e as mensagens recebidas, fazendo com que eles sejam capazes de desmistificar os meios de comunicação de massa.

Na mesma linha, a dissertação de Schaefer (1996) investiga o conceito de mediação e sua importância para a construção de um diálogo crítico com as novas textualidades. Foi elaborado um vídeo a partir das atividades de mediação desenvolvidas com alunos de 8ª série em Florianópolis (RS), a respeito da AIDS e a televisão.

A dissertação de Toledo (1981) buscou analisar os aspectos que recobrem as práticas de leitura de fotonovelas pelo público adolescente. Foi examinada a influência de algumas variáveis, como sexo, nível socioeconômico e nível de escolaridade, no gosto por esse tipo de leitura e as motivações dessa preferência. A autora aplicou questionários a 775 estudantes de 8ª série do 1º grau e de 3ª série do 2º grau de escolas públicas de Araraquara (SP), delimitando, respectivamente, as faixas etárias de 13 a 15 e de 16 a 18 anos. A autora observou que o público leitor de fotonovelas é quase que exclusivamente composto por meninas, concentrando-se mais na 8ª do que na 3ª série do 2º grau. Para todos os alunos investigados, os assuntos amorosos, sentimentais e ligados à sexualidade são os que despertam maior interesse. Mais da metade das meninas consome as revistas de fotonovela, buscando nelas a

fantasia e a participação em um mundo imaginário. A autora recomenda que os professores conheçam as revistas de fotonovela como uma forma de compreender o imaginário de suas alunas.⁴

A dissertação de Hora (1990) investiga a percepção de jovens a respeito da influência dos meios de comunicação de massa sobre a formação de seus conceitos políticos. Foi aplicado questionário com questões abertas e fechadas a 377 alunos de 16 e 17 anos de 10 escolas públicas no município do Rio de Janeiro. A autora concluiu que, embora tenham um papel importante, os meios de comunicação de massa não atuam isolados de outras agências de socialização e não podem ser considerados os maiores responsáveis pela construção de conceitos políticos pelos jovens, já que difundem padrões políticos de senso comum que perpassam todos os outros agentes que atuam na educação do jovem (família, escola, etc.).

Fischer (1982), em sua dissertação, analisa as mensagens televisivas como narrativas mitológicas, apontando a importância crucial que elas assumem ao permitir a vivência, por identificação ou projeção, de situações diversas. A mesma autora dá continuidade ao estudo da mídia, ao analisar também, em sua tese de doutorado (Fischer, 1996), os discursos que os meios de comunicação produzem acerca do adolescente. Foram estudados diferentes veículos de comunicação, como programas de TV, uma revista e um suplemento de jornal dirigido ao público jovem. Concluiu que a mídia constrói um sujeito adolescente a partir da proposição de normas e práticas, o que mostra a centralidade contemporânea das redes de poder relativas ao campo das práticas culturais.

Barros Neta (1995) analisou seis estudos da década de 80 a respeito da influência da TV sobre os adolescentes. Concluiu que todos eles compartilham a idéia de que a TV exerce uma efetiva influência sobre o jovem, mas discordam quanto aos efeitos produzidos, em razão da perspectiva teórica adotada, ora behaviorista, ora funcionalista. Os estudos simplificam demasiadamente a relação dos adolescentes com a TV, sem reconhecer a mediação ativa que se processa a partir do emaranhado de influências que o jovem também recebe da família, da escola e das relações de amizade.

A tese de Magno Luiz Silva (1997) consiste em pesquisa sobre a recepção de imagens violentas da TV pelos adolescentes. Foram realizadas entrevistas com grupos de 10 e de 20 alunos de três escolas estaduais, duas em Guarulhos (SP) e uma no município de São Paulo. Ao todo, foram consultados 92 adolescentes, sem que fossem utilizadas imagens, privilegiando-se a memória dos sujeitos quanto às imagens violentas. Para o autor, há dois recortes envolvidos na recepção de imagens violentas pela TV: o iconofílico, que consiste na violência *na* TV, sendo o conjunto de imagens que despertam os desejos, os medos e as frustrações do receptor, desencadeando processos de simbolização positivos que contribuem para o equilíbrio psicossocial; e o tecnorracionalista, que consiste na violência *da* TV, a qual aniquila a capacidade imaginativa do receptor, suas crenças e convicções pessoais a partir da irradiação de uma hiper-realidade, diluidora das potencialidades coletivas. Há, portanto, segundo o autor, uma ambigüidade central nas imagens violentas da televisão.

À questão clássica sobre a influência das imagens televisivas violentas na construção de comportamentos violentos, o autor considera que “a resposta poderá ser ‘não’, no caso da violência iconofílica, e poderá ser ‘sim’, no caso da violência tecnorracionalista” (Silva, 1997, p. 267). Trata-se de uma pesquisa interessante, sobretudo quanto ao tratamento teórico dado aos problemas investigados. O potencial construtivo da TV é reconhecido em sua capacidade de desencadear processos de simbolização importantes para o sujeito e para a manutenção do equilíbrio social, sem, necessariamente, incorporar uma perspectiva homogênea sobre seus efeitos.

O tema da violência e TV tem sido objeto de inúmeros estudos, que se voltaram sobretudo para a criança, com menos força sobre os adolescentes, estando a temática praticamente ausente dos jovens propriamente ditos. No entanto, imbricados no debate político, se encontram, em maior número, os estudos que se revestem do tom de denúncia, apontando o “mal” que a audiência provoca no desenvolvimento infanto-juvenil e, em menor número, aqueles que minimizam os seus efeitos. Pesquisas recentes (Carlsson, Feilitzen, 1999) apresentam elementos mais complexos, ao reconhecer que a ação

⁴ A pesquisa é dispersa quanto aos objetivos e à apresentação dos resultados, descritos em termos percentuais mas pouco analisados teoricamente.

da mídia televisiva não ocorre de forma isolada, mas soma-se a outras práticas socializadoras. Assim, somente por meio da análise dos modos de interação das agências educativas (escola, família e mídia) seria possível inferir seus efeitos sobre crianças e jovens.

Por fim, Moraes (1998) analisa o Projeto Radioteca Jovem, mantido pelo Ministério da Educação, a fim de saber quais suas contribuições e desdobramentos nas escolas de 1º e 2º graus. Foram aplicados questionários a 217 alunos, 27 agentes educacionais e à equipe da rádio, além das observações realizadas no auditório e em várias escolas para as quais o programa se dirigia, promovendo debates. A autora conclui que o Radioteca Jovem possibilita a identificação de diferenças entre os vários jovens, diferentemente da maioria dos programas direcionados a essa parcela da população, mas que trabalham com um modelo de juventude homogêneo. Além disso, a programação não parte de um conjunto pré-construído de assuntos supostamente interessantes aos jovens, mas busca a participação ativa deles na definição dos assuntos a serem abordados. A rádio educativa promove novas práticas pedagógicas e a construção de espaços de expressão juvenil, sendo um instrumento alternativo entre o saber formal da escola e os programas de comunicação de massa.

Há proposições nos trabalhos, de forma mais explícita em alguns que em outros, que dizem respeito à importância da escola na promoção da capacidade crítica de leitura dos meios de comunicação pelo adolescente e à necessidade de incorporar as novas linguagens informacionais. A maioria dos estudos está preocupada com as mudanças acarretadas pelas novas linguagens e textualidades na formação dos jovens, partindo da idéia de que a expansão de novos meios comunicacionais é irreversível, cabendo às instituições tradicionais, como a escola, realizar uma mediação crítica em relação às mensagens transmitidas.

As teses e dissertações não se dedicam muito à discussão sobre Juventude, e quando o fazem apoiam-se em Erik Erikson (1976), sobretudo no livro *Identidade juventude e crise*, e nos escritos de Philippe Ariès (1981). O autor mais comumente utilizado nas análises sobre os meios de comunicação de massa é Edgar Morin (1967), além de Marshall McLuhan (1977 e 1978). Apesar de várias pesquisas citarem os teóricos críticos da escola de Frankfurt, sobretudo Adorno e Horkheimer (1986), somente uma delas defende essa abordagem, radicalmente pessimista quanto à indústria cultural.

Jovens e Violência

Nesses últimos 20 anos, a pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais vem incorporando o tema da violência e seus vários desdobramentos, tornando-se este um campo promissor de interesse dos investigadores. No entanto, na área da Educação, essa temática muito tardiamente começa a ser objeto de preocupação na pós-graduação, refletindo-se, assim, na produção discente. Se considerarmos que a produção total da área de Educação, em 18 anos, atinge 8.667 trabalhos entre teses e dissertações, os estudos sobre violência são minguados, pois constituem um núcleo de apenas 12 trabalhos.⁵ Desse conjunto, 11 estão incorporados no campo dos estudos sobre Juventude e serão aqui apresentados.

Os estudos que trabalharam o tema dos adolescentes ou jovens no âmbito da questão da violência privilegiaram a escola, quer sob o ponto de vista do exame das representações dos alunos, quer da investigação, de modo mais intenso, da própria violência observada na instituição. Somente dois trabalhos recentes, concluídos em 1997, se dedicaram ao tema da família como *locus* de violência contra crianças e adolescentes.

O tema da violência, na sociedade brasileira, é parceiro do processo de democratização, uma vez que, desde o início dos anos 80, essa questão eclode com força no debate público. Tratava-se, de um lado, de maior abertura para as questões que afetavam a vida da população das periferias das grandes cidades, onde a segurança se constitui, sem dúvida, um problema importante; mas de outro,

⁵ Há uma dissertação que trata da violência no futebol, que não foi incorporada por não se voltar para o estudo dos jovens. O autor construiu seu trabalho a partir de noticiário de imprensa: SANTOS, Roberto Ferreira dos. *Educação, desportos e violência no futebol*. Niterói, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense.

tratava-se também de lutar por uma maior democratização das instituições públicas, sobretudo o aparelho de segurança, resistentes aos novos rumos trilhados pelo País.

A violência escolar transforma-se em questão pública nos primeiros anos da redemocratização, aparecendo, inicialmente, como demanda de segurança para os estabelecimentos de ensino, sobretudo aqueles localizados em bairros periféricos das grandes cidades. Essa demanda aglutina professores, corpo técnico, pais e alunos, que empreendem, em algumas situações, além da denúncia, reivindicações dirigidas aos primeiros governos eleitos pelo voto popular, como foi o caso do Estado de São Paulo. No decorrer da década de 80, não obstante a adoção de medidas pontuais, o problema da violência nas escolas persistiu, quer sob a forma de depredações contra os prédios, invasões e ameaças a alunos e professores, quer como expressão de situações de medo e insegurança diante da ação do crime organizado e do tráfico de drogas, atingindo unidades escolares situadas na área de influência de quadrilhas. Essas questões tornaram-se mais visíveis em cidades como o Rio de Janeiro, mas se disseminaram, também, em outros centros urbanos.

Já nos anos 90, a violência escolar passa a ser observada nas interações dos grupos de alunos, caracterizando um tipo de sociabilidade entre os pares ou de jovens com o mundo adulto, ampliando e tornando mais complexa a própria análise do fenômeno, que se espalha para várias regiões do País, como atesta a pesquisa coordenada por Codo (1999).

Desse conjunto de 11 trabalhos (três teses e oito dissertações) que investigaram a violência, oito trataram da violência escolar, remetendo a processos diferenciados, alguns enfatizando a violência *da* escola e outros, a violência *na* escola. No entanto, é preciso ressaltar que o conjunto da produção discente opera ainda com uma definição bastante ampla da violência, que abrange, principalmente, um esforço de compreensão da construção social, como afirmam Debarbieux e Montoya (1998).

No primeiro caso – violência *da* escola –, destacam-se os mecanismos intra-escolares de produção da violência, como os dispositivos disciplinares, os procedimentos de avaliação e práticas geradoras do fracasso escolar, e a violência simbólica, entendida, na acepção de Bourdieu e Passeron (1975), como a imposição de um arbitrário cultural por parte da instituição considerado legítimo e natural, que operaria no plano da universalidade. Esses mecanismos foram entendidos pelos pesquisadores como aspectos autoritários e fatores de exclusão ou de imposição de juízos psicológicos capazes de gerar uma contrapartida violenta por parte dos alunos (Áurea Guimarães, 1984 e 1990; Moura, 1988).

No segundo caso – violência *na* escola –, são privilegiados os processos extra-escolares de produção da violência que atinge a escola, como a escalada da criminalidade urbana, os novos padrões culturais juvenis e a formação de grupos violentos (Costa, 1993; Rodrigues, 1994; Oliveira, 1995; Maria Eloísa Guimarães, 1995; Paim, 1997).

A produção discente sobre violência escolar oferece estudos em torno da cidade do Rio de Janeiro, Campinas (SP) e Porto Alegre (RS), revelando, ainda, que a área está muito longe de alcançar um estado do conhecimento mais abrangente sobre o tema.⁶

Áurea Guimarães (1984 e 1990) foi uma pioneira no estudo das relações entre violência e escola. Em sua dissertação de mestrado (1984) investigou a depredação escolar realizada pelos alunos em 15 escolas públicas de 1º e 2º graus na cidade de Campinas (SP). A autora pediu aos alunos de menor idade que desenhassem a escola, e com os mais velhos realizou 30 entrevistas coletivas. A partir de Foucault (1987), formulou a hipótese de que haveria relação entre a punição e a vigilância exercida pela escola com a depredação efetivada pelos alunos, de tal forma que, quanto maior o controle ou a força do dispositivo disciplinar, maiores seriam os índices de violência praticados pelos alunos. Sua conclusão reitera a idéia de que a escola e seus dispositivos de controle, vigilância e punição buscam homogeneizar e disciplinar os alunos, impedindo a expressão dos conflitos. Mas – e este é o fato mais relevante – percebeu a inexistência de relação significativa entre vigilância/punição e a depredação escolar. O trabalho de campo havia evidenciado que esse fenômeno estava presente tanto em escolas

⁶ Observa-se o crescimento do interesse sobre o tema, pois somente no primeiro semestre de 2000, duas dissertações e uma tese foram concluídas (Camacho, 2000; Márcia Costa, 2000; Giseli Costa, 2000; Araújo, 2000).

altamente rígidas sob o aspecto disciplinar quanto em escolas permissivas e desorganizadas. Seu estudo retrata um honesto trabalho de pesquisa que lhe permite, de certa forma, questionar e relativizar as premissas iniciais, permitindo não reduzir a violência a um único elemento explicativo, como afirma Wieviorka (1997).

Em seu doutorado, Áurea Guimarães (1990) dá continuidade às preocupações anteriores, realizando uma pesquisa sobre a depredação escolar e a violência interativa entre alunos. Realizou dois estudos de caso em escolas de Campinas (SP), uma considerada a mais depredada da região e outra a mais central. Por meio de entrevistas com alunos, professores, diretores, funcionários e policiais militares, buscou investigar as representações sobre a violência dentro e fora da escola. Utilizou-se, também, da técnica de observação, que permitiu maior proximidade dos alunos na vida escolar e no bairro. Apoiando-se amplamente nos escritos de Michel Maffesoli (1987), Áurea Guimarães, no doutorado, passa a compreender a violência como uma estrutura invariante que apresenta manifestações diversas, algumas importantes para expressar o querer-viver social. Reconhece, em determinado momento da pesquisa, a diminuição da depredação escolar em razão da intensificação do policiamento, mas verifica, ao mesmo tempo, o aumento das brigas físicas entre alunos. Diz a autora: “A minha hipótese era que o controle da depredação realizado no âmbito de um monopólio administrativo poderia provocar uma violência não-ritualizada, exatamente porque desvinculada de um enraizamento coletivo” (Guimarães, 1990, p. 233). Conclui considerando que as depredações e as brigas observadas entre os alunos são elementos de resistência, que exprimem alternativas de expressão discente diante das imposições escolares.

Percebe-se que, em ambas as pesquisas, Guimarães privilegia a violência *da* escola, atribuindo à instituição escolar um caráter violento contra o qual os alunos se rebelam, ainda que não de forma organizada. A violência discente seria uma contrapartida da violência *da* escola e das autoridades escolares. Assim, para a autora, a violência dos alunos apareceria como uma espécie de prática libertadora, mas, fundamentalmente, expressiva.

A dissertação de Moura (1988) analisa a violência exercida pela escola através dos mecanismos de controle e punição que têm como objetivo criar indivíduos normalizados. A linguagem oficial também é vista como uma forma de violência que não respeita a experiência do aluno trazida de seu meio.

Em sua dissertação, Rodrigues (1994) investigou a violência vista a partir do aumento da criminalidade e seus impactos na escola. Baseou-se em observações do cotidiano de uma escola pública do Rio de Janeiro, localizada entre duas favelas, e em entrevistas com 20 alunos de 1ª a 4ª série, cuja faixa etária variava entre 8 e 16 anos, e com professores e funcionários. As séries a serem pesquisadas foram escolhidas em razão das observações da pesquisadora quanto à dinâmica escolar, em que foi percebida uma clara tensão entre alunos e professores das séries iniciais e entre os próprios estudantes. A autora conclui que a violência na escola diz respeito à expansão do crime organizado e à crise de valores e da autoridade escolar.

Oliveira (1995) elaborou, no mestrado, estudo comparativo entre uma escola pública e outra particular, ambas localizadas em Porto Alegre (RS). Foram aplicados questionários a 148 alunos de 7ª e 8ª série da escola particular e a 88 alunos das mesmas séries da escola pública. Concluiu que a violência na escola particular é latente e, portanto, mais difícil de ser reconhecida, enquanto na escola pública ela é explícita, sendo um fenômeno diretamente relacionado às questões econômicas e sociais. A autora dedica todo um capítulo ao que chama de “busca de soluções para a violência na escola”, demonstrando uma evidente preocupação em traçar elementos de proposta para a superação do problema.

A dissertação de Costa (1993) buscou desvendar os processos constitutivos da violência na escola, bem como os elementos de produção e reprodução desse fenômeno. Para tanto, realizou estudo de caso envolvendo observação participante e entrevistas semi-estruturadas com alunos de 1ª a 4ª série, professores, pais e funcionários de uma escola estadual de Duque de Caxias (RJ). A autora identificou alguns aspectos que envolvem a questão da violência: o alto grau de subjetividade envolvido na definição do fenômeno, a tendência em reduzi-lo ao aspecto físico e a visão ideológica da escola como espaço seguro e protegido, o que contribui para a ocultação da violência em seu interior. Um traço destacado pela autora foi a naturalidade com que a violência era tratada por alunos e professores,

apontando uma banalização do fenômeno no cotidiano dos sujeitos. Ainda no grupo de estudos que verificou a violência na escola, Paim (1997) discute, em sua dissertação, a expansão da violência, salientando a influência do narcotráfico e de suas relações de disputa no ambiente escolar.

Maria Eloísa Guimarães (1995) investiga, em sua tese, a ação das galeras, do narcotráfico e dos movimentos juvenis nas escolas públicas. A partir do estudo de uma escola pública de 1º grau no Rio de Janeiro, a autora apresenta um relato etnográfico, observando que a instituição escolar tem se tornado cada vez mais refém do crime organizado, ao mesmo tempo em que seu espaço também é disputado por grupos de galeras rivais. A lógica do tráfico, que busca a ampliação do seu domínio territorial, e a lógica das galeras, que busca expandir o raio de suas ações a fim de se consolidar como grupo, invadem a escola, desvirtuando seus objetivos e sua natureza para torná-la um espaço de expressão da rivalidade entre grupos. Esse processo faz com que a escola seja manipulada por interesses isolados, frustrando as expectativas das classes populares, que ainda acreditam nela como instrumento de democratização social.

A pesquisa inova no tipo de abordagem que faz acerca da violência escolar, já que privilegia as experiências dos alunos processadas no interior da instituição para explicar o fenômeno. O sujeito alvo da ação educativa é focalizado a partir de sua condição juvenil e de sua atuação efetiva dentro e fora da escola. Maria Eloísa Guimarães também distingue o fenômeno do narcotráfico do fenômeno das galeras, uma vez que, apesar de algumas conexões, estes não podem ser considerados os desdobramentos juvenis da ação criminosa, sendo, principalmente, uma forma de prática coletiva marcada pela sociabilidade de moradores jovens de favelas no Rio de Janeiro.⁷

A dissertação de Rocha (1997) e a tese de Stroka (1997) abordam a violência cometida contra crianças no ambiente familiar, ambas salientando a faceta violenta da instituição e contrariando certas imagens idealizadas do grupo familiar, considerado espaço seguro e protegido. Stroka observa que a situação de desemprego, as dificuldades conjugais e o histórico de violência doméstica na infância do agressor constituem fatores de risco, mas não chega a delinear uma relação causal entre a violência e a condição econômica, podendo esse fenômeno estar presente em todas as classes sociais. Stroka realizou levantamento dos casos de violência contra a criança e o adolescente junto aos quatro Conselhos Tutelares de Goiânia. No período de 1º de março a 31 de outubro de 1994, foram identificadas 277 vítimas e 180 violadores, 95,5% deles provenientes de camadas pobres. Em 82,2% dos casos, os agressores são os pais e as mães, sendo o espancamento praticado mais pelos pais, e o abandono e a negligência, pelas mães, o que demonstra que a família não é sempre um espaço de proteção. O tema da família é muito pouco investigado na área da Educação, não obstante sua relevância como instância socializadora de crianças e jovens. Permanece, no entanto, o desafio de constituir um campo de investigação, no que se refere aos adolescentes e jovens, capaz de elucidar as práticas destes em relação à dinâmica familiar, evitando quer a idealização do grupo familiar, quer a atribuição de estigma (o que é mais freqüente). Nesse caso, a idéia de uma prevalente “desestruturação familiar” no âmbito do universo dos pobres seria a causa das precárias condições de vida e do comportamento de sua prole. Essas designações pouco têm contribuído para o avanço do conhecimento, e os poucos trabalhos já desenvolvidos têm procurado, de alguma forma, não se enredar nessas armadilhas.

Maria Regina Castro (1998) discute, em seu mestrado, as representações de crianças e adolescentes a respeito da violência. O grupo de sujeitos investigado foi composto por 14 alunos de uma escola pública e 10 de uma escola particular do município do Rio de Janeiro, com idades entre 10 e 19 anos. A partir da análise de conteúdo inspirada por Lawrence Bardin (1979), observou-se que, na escola particular, o eixo articulador das representações é o crime, e os alunos se percebem como vítimas da violência; como estão mais distantes dessas práticas em seu cotidiano, são capazes de fazer projetos de futuro e mantêm uma auto-estima positiva. Na escola pública, o eixo é a morte, e os alunos

⁷ O tráfico de drogas e a disputa pelos territórios nos morros são apontados como as grandes causas da invasão da violência nas escolas públicas do Rio de Janeiro pelos estudos de Rodrigues (1994), Paim (1997) e Guimarães (1995). Dois dos trabalhos descritos (Costa, 1993; Rodrigues, 1994) se surpreendem ao perceber que a escola nega a existência de violência em seu interior, fazendo com que o assunto se torne um verdadeiro *tabu* na instituição. Essa situação diz respeito ao medo de falar sobre uma realidade diretamente relacionada à violência: a guerra do tráfico, incrustada nas comunidades em que as unidades escolares se localizam.

não se percebem nem como vítimas nem como agressores; seu cotidiano é marcado pela violência e pela proximidade da morte, o que dificulta a elaboração de projetos de futuro.

A produção discente sobre violência percorre bibliografia diversificada, sendo recorrente o recurso ao estudo clássico de Yves Michaud (1989) e aos dos autores brasileiros Jurandir Freire Costa (1986) e Alba Zaluar (1985 e 1992).⁸ As referências a outros autores são variadas, sendo freqüentemente utilizados Maffesoli (1987) e Foucault (1987), evidenciando ainda a necessidade de ampliação do quadro teórico, absorvendo estudos desenvolvidos em outros países.

Esse conjunto temático da produção discente é revelador de um quadro precário da ação socializadora da escola, apenas esboçado, pois há uma demanda importante de estudos que acrescentem novos elementos, seja pela extensão do fenômeno para outras cidades brasileiras, seja, também, pelo seu crescimento no âmbito de escolas particulares ou públicas que atendem segmentos de classes médias ou da elite.⁹ Análises mais densas que recortem no interior da violência escolar a temática do gênero e das etnias são também necessárias, aliadas à investigação da crescente interação violenta entre os grupos de pares.

Por outro lado, já existe um acúmulo suficiente de experiências propostas pelo Poder Público visando diminuir os índices de violência escolar. Não se trata de investigar iniciativas estritamente voltadas para a segurança, mas, sobretudo, de conhecer e avaliar os projetos e programas que têm sido implantados em alguns estados e municípios. Não há, de fato, ainda, qualquer estudo recente que analise o modo como o Estado vem, na área das políticas públicas em Educação, agindo contra a violência e verificando, de modo sistemático, os possíveis impactos dessas ações sobre os alunos adolescentes e jovens.

Grupos Juvenis

Esta linha de pesquisa constitui um eixo bastante inovador, observando-se pouca tradição teórica no Brasil, inclusive no âmbito das Ciências Sociais. Foram localizados nove trabalhos que investigaram os grupos juvenis,¹⁰ mas a maioria pesquisou a sua dimensão cultural, como é o caso dos grupos musicais e dos grafiteiros.

Duas dissertações preocuparam-se em compreender a prática do grafite por parte de adolescentes e jovens. Alves (1985) a investiga nas cidades de Niterói e do Rio de Janeiro, buscando entender os aspectos psicossociais que motivam esse tipo de comportamento. Foram submetidos a entrevista semi-estruturada 15 jovens com idades entre 11 e 23 anos, sendo dez grafiteiros e cinco ex-grafiteiros. Utilizando-se de recurso comparativo, foi entrevistado também um segundo grupo de 13 jovens que não adotavam essa prática, com idades entre 13 e 21 anos. A autora conclui afirmando que “o ato de grafitar é para uns um jogo simbólico que também fornece condições compensatórias liberadoras de energias e de conflitos emocionais” (Alves, 1985, p. 98). Trata-se, assim, de uma forma de expressão juvenil que permite a vivência de diferentes identidades e situações grupais, importantes nesse período de vida.

Retomando o tema alguns anos mais tarde, Goldgrub (1998) concentra seu interesse no grafite como veículo de comunicação no ambiente urbano, analisando a revista *Fiz Graffiti Attack*, veículo de expressão do movimento *hip hop* paulista. A autora questiona as análises que abordam as manifestações juvenis das décadas de 80 e 90, baseando-se num modelo idealizado de atuação jovem das décadas de 60 e 70. Conclui que os grafiteiros buscam atingir todo tipo de público com suas mensagens e, como outras imagens artísticas, o grafite estimula respostas diversas pelos receptores. O foco

⁸ Alguns estudos buscam suas referências no texto introdutório de *O que é violência?*, de Nilo Odália (1985).

⁹ Embora não esteja abrangida por este estado do conhecimento, pois se trata de tese defendida após o período por ele abarcado, é oportuno citar o trabalho desenvolvido por Luiza Ishiguro Camacho (2000), sobre a violência em escola confessional de elites e em escola pública de classes médias na cidade de Vitória (ES).

¹⁰ O trabalho de Maria Eloísa Guimarães (1995), descrito no tema *Jovem e Violência*, pode ser considerado também um estudo de grupos juvenis, pela análise dispensada à ação das galerias, dos grupos de narcotráfico e dos movimentos juvenis numa escola do Rio de Janeiro. Prevalece, no entanto, o enfoque da violência no ambiente escolar, processo construído por tais grupos juvenis.

da análise recai sobre o significado do grafite no contexto urbano, como uma obra de arte pública e instrumento de comunicação. Os possíveis sentidos atribuídos pelos jovens a essa prática não são investigados, menos ainda é reconhecido o fato de o grafite ser apenas uma das linguagens que constituem o *hip hop* como manifestação cultural que associa duas outras formas de expressão: a dança (o *break*) e a música (o *rap*).

Três estudos analisam grupos juvenis de maioria negra, estruturados em torno de práticas musicais. Assim, esse conjunto de dissertações, ao investigar as formas culturais de expressão coletivas dos jovens, incide também sobre a temática da identidade étnica, somando-se aos poucos trabalhos nos estudos sobre os jovens de origem negra. A dissertação de Elias Guimarães (1995) investigou o bloco Afro Araketu, localizado em Periperi (BA), com o objetivo de perceber se a educação informal e assistemática difundida pelo bloco contribui para a construção de um conhecimento a partir do qual os jovens negros percebem e explicam o mundo. Focalizou a percussão mirim, que agregava 40 crianças e adolescentes de 10 a 17 anos, dos quais 14 foram entrevistados. Observou que o bloco atende uma maioria de sujeitos negros marginalizados e concluiu que eles organizam, reconstróem e transformam seus saberes através do processo educativo desencadeado pelas atividades de percussão. Saliencia-se que a escola não é a única alternativa para a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual, já que o bloco é responsável pela promoção de uma releitura do mundo, em que os jovens negros fortalecem sua identidade étnica e se situam de forma não-subordinada.

Rafael dos Santos (1996), em seu mestrado, investigou o grupo Afro-Reggae concentrando sua atenção na questão do racismo. A dissertação de Andrade (1996) tratou do movimento *hip hop* traçando um breve histórico dessa prática cultural e acompanhou as atividades de uma “posse” (reunião de vários grupos de *rap*) de São Bernardo do Campo (SP). A autora identificou um duplo processo educativo presente na ação dos grupos de *rap*: a educação política decorrente da articulação coletiva em torno da “posse” e a educação alternativa envolvida na produção dos meios reivindicatórios do grupo.

Em sua dissertação, Macedo (1995) estudou comparativamente a participação juvenil numa banda musical tradicional – Filarmônica – e noutra popular – Banda Mirim do Olodum –, na Bahia. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com membros dos grupos e observação das apresentações dos dois grupos, em que se focalizava o comportamento dos jovens e suas reações quanto à interação com o público e com a mídia. A autora aponta a maior eficácia da educação pela cultura e pela arte do que a educação para ou pelo trabalho, esta última sempre colocada como a melhor alternativa para os adolescentes pobres. As práticas culturais desenvolvem a criatividade e a imaginação, além de proporcionar uma interação mais plena com o mundo, a partir do refinamento da sensibilidade.

Notamos que, embora com poucos trabalhos, o tema *Grupos Juvenis* concede uma ênfase especial à expressão artístico-musical como elemento de mobilização juvenil, o que converge com alguns estudos que apontam as práticas culturais como aquelas que apresentam maior atrativo para os jovens e, conseqüentemente, as mais promissoras na construção de novos sujeitos coletivos, diante da crise das formas institucionalizadas da participação política.

Dois trabalhos tratam dos grupos juvenis de forma diferenciada sem examinar as expressões artísticas. A dissertação de Lima (1994) discute o grupo juvenil na sua dimensão violenta, investigando as gangues que atuam nas escolas públicas de Campo Grande (MS). Seu interesse, além de investigar a representação que delas fazem a escola, a imprensa e a polícia, residia também no próprio conhecimento dos adolescentes membros desses grupos. Para tanto, estabeleceu contatos com oito grupos, embora tenha havido maior aproximação com dois deles. Conseguiu entrevistar, informalmente, 23 integrantes e ex-integrantes de diversas gangues. Segundo a definição adotada pelo autor, as gangues podem exercer práticas delituosas ou promover ações de lazer e/ou de arruaça, mas todas elas têm na violência sua principal forma de expressão. Os sujeitos abordados não se auto-referem como participantes de gangues, em razão dos significados socialmente pejorativos, mas utilizam os termos “turma”, “galera” ou “moçada”. Lima observa que grande parte dos membros das gangues haviam sido expulsos da escola e voltaram a ela através da ameaça e da violência. Há uma análise muito rápida e superficial sobre a visão da polícia, da escola e da imprensa sobre as gangues, o que limitou significativamente as conclusões.

Embora questione a relação entre gangue e violência, a qual reforçaria o estigma da marginalidade, o próprio autor apresenta uma definição de gangue associada às práticas violentas. O autor conclui que as gangues são

grupos de jovens e adolescentes que, cada vez mais, têm dificuldades em ocupar um espaço na sociedade, enquanto seres produtivos e de importância social, e que expressam, principalmente pela rebeldia, a falência de um sistema que, quanto mais se desenvolve, menos respostas consegue dar para os problemas que cria (Lima, 1994, p. 91).

Nakano (1995), em sua dissertação, aborda as formas de associativismo juvenil em favela da região da Grande São Paulo, marcada pela coexistência de dois universos de práticas fortemente estruturados: de um lado, um movimento popular em torno da questão da moradia e, de outro, o mundo do crime organizado. Distantes dos movimentos populares e não totalmente alheios à esfera da ação das quadrilhas, os jovens são investigados neste cenário de contrastes. A autora mostra como a organização dos jovens em torno de grupos (religiosos, de lazer, de esporte e cultura) lhes permite estruturar experiências importantes através das relações de amizade e solidariedade, distanciando-se das faces mais visíveis da favela – a dos movimentos sociais e da violência. Assim, os interesses associativos dos jovens giram em torno das formas grupais que permitem a expressão da subjetividade, afastando-se da racionalidade política. O mundo do crime lhes oferecia atrativos na medida em que apoiava algumas de suas práticas, como a escola de samba, propondo sempre uma possibilidade de adesão temida pelos adultos. A face organizativa da favela, representada pelo movimento de urbanização, não consegue incorporar as demandas juvenis de natureza expressiva, restringindo-se a um conceito de direitos ligado exclusivamente à esfera política, razão pela qual os jovens não se interessam em participar do movimento social.

Sem uma sólida tradição no Brasil, o tema dos grupos juvenis, clássico na sociologia norte-americana, sobretudo pela contribuição pioneira da Escola de Chicago nos estudos sobre gangues, motivou a produção discente na área de Educação que mostrou alguma ousadia temática. Esse esforço inicial pode indicar um novo campo de pesquisa, mas exige daqueles que pretendem se debruçar sobre o tema um longo percurso teórico que os habilite a dominar literatura tão vasta e diversificada. Os poucos estudos trouxeram contribuições importantes, mas alguns, preocupados em valorizar as manifestações juvenis de modo a sensibilizar educadores e demais profissionais da educação pública, podem ver fragilizadas suas descobertas, ao simplificarem e padecerem de certa ingenuidade na busca de novas alternativas pedagógicas para a instituição escolar.

Almeida (1996), em seu mestrado, realiza um estudo importante sobre *Grupos Juvenis* reconstituindo a sua interação com o Poder Público municipal de Diadema (SP). Além de descrever e analisar a diversidade de interesses que compõem os segmentos juvenis, investigando os *rappers* e um grupo de jovens astrônomos amadores, o autor realiza incursões sobre um tema ainda não investigado nos estudos sobre Juventude, que é o tema das políticas públicas. Ao eleger o município como foco de estudo, privilegiando a área da cultura, Almeida abre um amplo leque de questões que merecem o desenvolvimento de novas pesquisas, pois se trata da incipiente constituição de alguns grupos juvenis como atores capazes de marcar sua presença na esfera pública, tendo em vista a conquista de direitos mediante o exercício de práticas democráticas.

Jovens e Adolescentes Negros

Além dos poucos estudos dos grupos constituídos por jovens negros, examinados no item anterior, há apenas quatro dissertações que tratam de modo privilegiado da questão étnica, mas com perspectivas diversas. Produzidos a partir de 1995, esses estudos tratam, na verdade, de problemas históricos da sociedade brasileira, aguçados nos últimos anos pelo aumento da violência, que atinge sobretudo os jovens, e, entre eles, os de origem negra moradores dos centros urbanos. Esses trabalhos,

de modo diverso, buscam compreender melhor como a escola vem lidando com a questão, tendo como alvo principal o aluno, adolescente ou jovem.

A dissertação de Duarte (1997) pretendeu verificar como alunos e professores têm lidado com a questão étnica, particularmente do negro. Investigou-se uma escola municipal na cidade do Rio de Janeiro, onde foi solicitado aos alunos, de 5ª a 8ª série (12 a 18 anos), que fizessem uma redação ou desenho sobre o “negro” e a “raça” na sociedade brasileira; com os professores foram realizadas entrevistas abertas. A referência principal de estudantes brancos e negros e professores foi o racismo, embora representado de maneiras diferentes. Os alunos brancos relacionavam as discriminações raciais aos atributos físicos e psicológicos (mostrados de forma preconceituosa), às agressões sofridas e às desvantagens no mercado de trabalho, enquanto os alunos negros referiam-se sobretudo à história da escravidão. A autora recomenda ações visando a abordagem da questão do negro em sala de aula, salientando, ainda, a ação incipiente dos movimentos negros em termos de sensibilização da faixa etária investigada.

Já a dissertação de Leunice Oliveira (1997) teve como objetivo analisar as experiências de estudantes negros dentro e fora da sala de aula e sua relação com o currículo escolar. A autora acompanhou o cotidiano de Restinga, um bairro de maioria pobre e negra de Porto Alegre (RS), coletando dados em locais variados, como sindicato, associação de bairro e, sobretudo, escolas. A autora destacou a prática do *rap* e da capoeira pelos jovens negros nas escolas como uma dimensão cultural importante para a afirmação étnica, silenciada pelo currículo formal. A discussão sobre currículo, aparentemente central, mostrou-se bastante dispersa, mas traz uma contribuição no sentido de salientar a importância das práticas culturais não-escolares na estruturação de experiências significativas para os jovens.

Uma vertente importante das investigações diz respeito à integração do tema da etnia ao da identidade, questionando a unicidade do processo de socialização e o próprio conceito de sociedade como unidade homogênea. Assim, o trabalho de Mary Guimarães (1996) procura levantar algumas hipóteses sobre a maneira pela qual alunos pertencentes a minorias étnicas posicionam-se em relação ao preconceito contra a população negra. O estudo conclui que a ideologia da “democracia racial” e o ideal de “branqueamento da raça” prevalecem nesses alunos, levando-os a se posicionarem todos, inclusive os negros, ante um ideal fixo de referência branco. Construindo escalas de proximidade a esse ideal branco, os alunos incorporaram as “inferioridades” relacionadas a si próprios, mas referem-se aos negros como os “mais inferiores” do que todos os “inferiores”. Entre os estudantes negros, o preconceito e a discriminação racial são percebidos, mas os jovens preferem “ignorar o preconceito”, sem reagir, numa posição de impotência e silêncio. Contraditoriamente, a percepção do preconceito é evidenciada e coibida nesses alunos:

Porque somos todos iguais, determina-se que não se deve polemizar; por isso está instituído o silêncio como resposta. Pelo silêncio é que a sociedade brasileira se protege do chamado ódio racial... mas as falas dos alunos dessa pesquisa demonstram que não há mais vendas sobre os olhos; como pôde ser constatado, todos os alunos o sabem (Guimarães, 1996, p. 125).

Já a dissertação de Erisvaldo Santos (1997), na busca afirmativa de uma identidade negra, destaca-se por não ter como referência a escola, mostrando que a identidade cultural dos negros ou não é reconhecida ou é folclorizada. Ao contrário, na comunidade negra dos Arturos, em Minas Gerais, a identidade é examinada como efeito de sentido da religiosidade, dos rituais e das tradições afro-brasileiras. O autor desvenda conflitos existentes na passagem dessas tradições dos velhos para os jovens e nas pressões que esses últimos sofrem no sentido de integração à sociedade de consumo, onde a identidade comunitária perde sentido.

Outros

Foram registrados neste grupo apenas três trabalhos: as dissertações de Francisco Silva (1987), Focchi (1988) e Kowalski (1995), que abordam temáticas de incipiente interesse por parte dos discentes da pós-graduação.

A dissertação de Silva (1987) investiga as aspirações de jovens jogadores de futebol de um clube desportivo – a Associação Atlética Portuguesa de Cruz das Almas –, a fim de perceber o papel desse esporte no projeto existencial dos atores envolvidos. Foram realizadas observação participante e entrevista semi-estruturada com dez jogadores e três diretores do clube. O autor concluiu que o futebol representa a possibilidade de ascensão social, e que, para atingi-la, os jovens submetem-se totalmente às regras e normas adotadas pelo clube, estabelecendo uma relação mistificada com o esporte e deixando de vivenciar suas trajetórias profissionais como protagonistas.

A dissertação de Kowalski (1995) analisa o abandono e a especialização precoce entre jovens praticantes de atletismo.

Por fim, a dissertação de Focchi (1988) testou uma experiência participativa que permitisse, posteriormente, promover programas de educação ambiental. A intervenção foi negociada com a prefeitura de Palmares do Sul (RS) e realizada numa localidade denominada Granja Vargas. Foram várias as etapas do programa de educação ambiental envolvendo jovens e adultos de ambos os sexos, com idades entre 18 e 35 anos, ligados a atividades agropecuárias. A autora observou que as pessoas da localidade citada não se viam como uma comunidade, e a pouca identificação coletiva tinha como consequência a precária identificação com o meio ambiente. Vários depoimentos demonstraram que os jovens rurais possuem uma consciência ambiental fragmentada que reflete um sistema de valores alicerçado no paternalismo e no assistencialismo. Aos jovens não interessam as ações que buscam mudanças em sua comunidade – seus projetos são individuais e consistem em migrar para as cidades. Essa dissertação, a única que trata da educação ambiental em relação ao jovem, talvez aponte o início do interesse sobre um tema que, nos últimos anos, parece constituir um novo objeto de estudos na área da Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia qualitativa predomina nas pesquisas relativas aos quatro blocos temáticos apresentados, sendo muito comum o estudo de caso, sobretudo em escolas. Várias pesquisas utilizam a análise de conteúdo formulada por Lawrence Bardin na interpretação das entrevistas.

Esses temas introduzem novas problemáticas no campo de investigação dedicado à juventude, na área de Educação. No entanto, ao estabelecer os vínculos entre os temas estudados e a educação escolar, as pesquisas correm o risco de banalizar seu objeto de estudo.

Os assuntos investigados são, em geral, subsumidos ao tema da educação escolar, como se os esforços de investigação não se justificassem se não fossem apresentados em função de uma preocupação eminentemente propositiva. Isso tem um efeito negativo, pois, ao deixar de aprofundar teoricamente o tema específico, as pesquisas chegam a conclusões superficiais que, ao invés de contribuir efetivamente para a reflexão em torno da escola, acabam somente repetindo proposições e apontando soluções ingênuas para a educação.

É muito comum que as pesquisas terminem salientando a necessidade de a escola elaborar práticas de mediação crítica com a mídia (no tema *Mídia e Juventude*), reconhecer as dimensões educativas dos grupos juvenis e incorporar a arte e a cultura como linguagens formativas (nos temas *Grupos Juvenis* e *Jovens e Adolescentes Negros*) e tornar-se mais democrática, estreitando laços com a comunidade e incorporando a diversidade cultural dos alunos (no tema *Jovens e Violência*). Se, na verdade, não há como negar esse tipo de proposição, sobretudo pelo seu caráter bastante geral e muitas vezes abstrato, não é desprezível, muitas vezes, o risco da ingenuidade ou da simplificação, que pode resultar no empobrecimento do próprio estudo realizado.

Quando falamos em temas emergentes, nos referimos, como o próprio nome diz, a um conjunto recente de preocupações acadêmicas e, portanto, em processo de constituição. Percebemos que as dificuldades teóricas enfrentadas pelos pesquisadores remontam justamente ao entrecruzamento de seus temas com a Educação, já que essa área não dispõe, ainda, de um corpo de conhecimentos consolidados em torno de problemáticas novas, como, por exemplo, a dos grupos culturais juvenis. O

encaminhamento da maioria dos pesquisadores nesse sentido é incorporar a literatura específica do tema investigado – por exemplo, violência – e “enxertar” literatura da área de Educação, o que, por vezes, faz com que o autor se distancie de seus objetivos iniciais.

No entanto, de modo geral, esse conjunto revela capacidade de abertura da área para novas possibilidades na produção do conhecimento, com a vantagem de nascer em um momento que a própria comunidade de pesquisadores busca melhorar seus recursos teóricos e adensar seus instrumentos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Teses e Dissertações, por Tema

MÍDIA E JUVENTUDE

Teses

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Magno Luiz Medeiros da. *Vidrados em violência: o processo de percepção de imagens violentas da televisão entre os adolescentes*. São Paulo, 1997. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Dissertações

AGUIAR, Elaine Puntel Ribas de. *O imaginário cultural moderno e a constituição do sujeito adolescente: contribuição ao estudo da adolescência através da análise de uma revista feminina*. São Paulo, 1998. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro. *A influência da TV na formação do adolescente: análise de alguns estudos produzidos na década de 80*. São Paulo, 1995. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O mito na sala de jantar: leitura interpretativa do discurso infanto-juvenil sobre televisão*. Rio de Janeiro, 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas.

HORA, Dayse Martins. *Comunicação de massa e política na percepção dos jovens de 16 e 17 anos*. Rio de Janeiro, 1990. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

LARGURA, Edde Izabel. *A utilização da televisão de massa pela escola como meio auxiliar para o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno*. Curitiba, 1986. 68 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

MELLO, Miriam Coeli Dutra e. *A veiculação pela televisão dos valores mais comumente questionados pelos pré-adolescentes: proposta de uma leitura crítico-reflexiva da mensagem*. Rio de Janeiro,

1985. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MORAES, Mônica Cristina de. *A Radioteca Jovem em questão: rompendo os muros da escola*. Rio de Janeiro, 1998. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PERROTA, Mari-Pepa Vicente. *Terroros e mistérios da adolescência e juventude: uma análise da preferência dos jovens pela história de terror*. Rio de Janeiro, 1988. 278 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas.

SANTANA, Neuza Maria. *TV, a rica escola dos pobres: ações da escola e da televisão sobre os filhos dos pescadores artesanais da Colônia Z-1, Corumbá-MS*. Campo Grande, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SCHAEFER, Maria Isabel Orofino. *A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo das apresentações sobre a AIDS construídas por adolescentes de Florianópolis, a partir das campanhas de TV*. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina.

TOLEDO, Maria Helena Acayaba de. *Revista de fotonovela e estudantes de oitava série do primeiro grau e terceira série do segundo grau de escolas públicas da cidade de Araraquara, SP*. São Paulo, 1981. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

JOVENS E VIOLÊNCIA

Teses

GUIMARÃES, Áurea Maria. *A depredação escolar e a dinâmica da violência*. Campinas, 1990. 471 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

GUIMARÃES, Maria Eloísa. *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro, 1995. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

STROKA, Maria Cristina Monteiro. *Eventos associados à violência física contra crianças no ambiente familiar*. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

Dissertações

CASTRO, Maria Regina Bortolini de. *A vida e a morte nas representações de violência de crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro, 1998. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, Eloísa Helena de Campos. *A trama da violência na escola*. Rio de Janeiro, 1993. 253 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas.

GUIMARÃES, Áurea Maria. *Escola e violência: relações entre vigilância, punição e depredação escolar*. Campinas, 1984. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

MOURA, Eliana Ribeiro de. *Violência da escola*. Piracicaba, 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

OLIVEIRA, Claudia Regina de. *O fenômeno da violência em duas escolas: estudo de caso*. Porto Alegre, 1995. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAIM, Iracema de Macedo. *As representações e a prática da violência no espaço escolar*. Niterói, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense.

ROCHA, Luíza Pereira Monteiro. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes em Goiânia*. Goiânia, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.

RODRIGUES, Anita Schumann. *Aqui não há violência: a escola silenciada (um estudo etnográfico)*. Rio de Janeiro, 1994. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GRUPOS JUVENIS

Dissertações

ALMEIDA, Elmir. *Subúrbio, política cultural e identidades coletivas juvenis*. São Paulo, 1996. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

ALVES, Magda Anachoreta. *Inscrições murais: um novo grafismo*. Niterói, 1985. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense.

ANDRADE, Elaine Nunes de. *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. São Paulo, 1996. 317 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

GOLDGRUB, Rosa Glacy Uchôa Jardim. *Papéis do mundo: escritas do silêncio*. São Paulo, 1998. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GUIMARÃES, Elias Lins. *Os saberes de uma festa: conhecimento e vivência de jovens negros no Bloco Afro Araketu*. Salvador, 1995. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

LIMA, Hélio de. *A invasão das "ganges"*. Campo Grande, 1994. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

MACEDO, Marle de Oliveira. *Visibilidade social e educação de jovens componentes de bandas musicais na sociedade de massa: um estudo comparativo*. Salvador, 1995. 301 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

NAKANO, Marilena. *Jovens: vida associativa e subjetividade – um estudo dos jovens do Jardim Oratório*. São Paulo, 1995. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

SANTOS, Rafael dos. *Movimentos sociais, educação e questões do cotidiano dentro das relações raciais na sociedade brasileira: estudo de caso – o trabalho do Grupo Afro-Reggae*. Niterói, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense.

JOVENS E ADOLESCENTES NEGROS

Dissertações

DUARTE, Maria Betânia Pereira Gomes Guerra. *Negro e educação: um estudo na escola pública de primeiro grau*. Rio de Janeiro, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, Mary Francisca. *Preconceito racial em questão*. Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Leunice Martins de. *Currículo e cultura negra na Restinga: um estudo de escolas e agências socioeducativas – rompendo o silêncio, criando identidade*. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. *Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos*. Belo Horizonte, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

OUTROS

Dissertações

FOCCHI, Eunice. *Educação ambiental com jovens rurais: potencialidades e limitações de uma estratégia participativa*. Porto Alegre, 1988. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KOWALSKI, Marizabel. *Especialização precoce e o contexto social no abandono do esporte por jovens campeões de atletismo*. Piracicaba, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

SILVA, Francisco Martins da. *Aspirações do futebol: prática desportiva dos atletas da Portuguesa de Cruz das Almas*. João Pessoa, 1987. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba.

Livros e Artigos, em Geral

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). São Paulo: Ática, 1986.

ARAÚJO, Maria Carla de Ávila. *Vivências escolares de jovens de um bairro da periferia de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 1979.

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CAMACHO, Luiza Ishiguro. *Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- CARLSSON, C.; FEILITZEN, C. *A criança e a violência na mídia*. São Paulo: Cortez: Unesco, 1999.
- CODO, Wanderley (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- COSTA, Giseli Paim. *A repercussão da violência social no cotidiano escolar*. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- COSTA, Márcia Rosa. *Eu também quero falar: um estudo sobre infância, violência e educação*. Porto Alegre, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DEBARBIEUX, Eric; MONTOYA, Yves. La violence à l'école en France: 30 ans de construction social de l'objet (1967-1997). *Revue Française de Pédagogie*, Paris, n. 123, 1998.
- ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. Visão, som e fúria. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Vértice, 1987.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- ODÁLIA, Nilo. *O que é violência?* São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros passos).
- WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. *Tempo Social*, São Paulo, v. 9, n. 1, 1997.
- ZALUAR, Alba (Org.). *Violência e educação*. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

